

PELAS RAÍZES DO FAZER-CIDADE:

agronomia e agrimensura como constituidores da
disciplina do Urbanismo (1877-1933)

EIXO TEMÁTICO 01: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

KNABBEN, Lucas

Doutorando; Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo
knabben@unifesp.br

ATIQUE, Fernando

Professor Associado do Departamento de História da UNIFESP; Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo
fernando.atique@unifesp.br

RESUMO

Esta comunicação, fruto de nossa pesquisa de doutorado em andamento, visa tensionar a formação do Urbanismo como disciplina, lançando luz sobre a participação da Agronomia e da Agrimensura como campos contribuintes para a constituição da profissão e de seu arcabouço científico. Como um exercício de reflexão inicial, por meio de paradigmas indiciários, investigamos a presença e a influência dos conhecimentos agrários e agrícolas em projetos urbanos em suas diversas naturezas, sejam de expansão urbana, de assentamentos propriamente ditos ou mesmo em análises curriculares de competências e trajetórias profissionais. A constituição do Urbanismo como disciplina e como ciência tem se configurado como um campo de disputa histórica institucional e de classe sobre suas competências e práticas principalmente pelas engenharias, áreas da saúde e da arquitetura. Assim, nosso objetivo é de elucidar uma articulação que, até então, foi pouco explorada pela historiografia urbana e pela história da profissão, posicionando também a Agronomia e a Agrimensura como constituinte do campo.

Palavras-chave: Agronomia; Agrimensura; História do Urbanismo; História do Paisagismo; Trajetórias Profissionais.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This communication, the result of our ongoing doctoral research, aims to question the formation of Urbanism as a discipline, shedding light on the participation of Agronomy and Land Surveying as contributing fields to the constitution of the profession and its scientific framework. As an initial reflective exercise, through evidentiary paradigms, we investigate the presence and influence of agrarian and agricultural knowledge in urban projects of various natures, whether of urban expansion, settlements proper, or even in curricular analyses of competencies and professional trajectories. The constitution of Urbanism as a discipline and as a science has taken shape as a field of historical, institutional, and class-based dispute over its competencies and practices, primarily among engineering, health, and architecture fields. Thus, our objective is to elucidate an articulation that, until now, has been little explored by urban historiography and by the history of the profession, also positioning Agronomy and Land Surveying as constituents of the field.

Keywords: Agronomy; Surveying; History of Urban Planning; History of Landscape Architecture; Professional Trajectories.

RESUMEN

Esta comunicación, fruto de nuestra investigación doctoral en curso, tiene como objetivo tensionar la formación del Urbanismo como disciplina, arrojando luz sobre la participación de la Agronomía y la Agrimensura como campos contribuyentes a la constitución de la profesión y de su acervo científico. Como ejercicio inicial de reflexión, a través de paradigmas indiciarios, investigamos la presencia y la influencia de los conocimientos agrarios y agrícolas en proyectos urbanos de diversa naturaleza, ya sean de expansión urbana, de asentamientos propiamente dichos o incluso en análisis curriculares de competencias y trayectorias profesionales. La constitución del Urbanismo como disciplina y como ciencia se ha configurado como un campo de disputa histórica, institucional y de clase sobre sus competencias y prácticas, protagonizada principalmente por las ingenierías, las áreas de la salud y la arquitectura. Así, nuestro objetivo es elucidar una articulación que, hasta ahora, ha sido poco explorada por la historiografía urbana y por la historia de la profesión, posicionando también a la Agronomía y a la Agrimensura como constituyentes del campo.

Palabras clave: Agronomía; Agrimensura; Historia del Urbanismo; Historia de la Arquitectura del Paisaje; Trayectorias Profesionales.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

Estudos recentes que se debruçam sobre História Urbana têm tensionado as origens do campo do urbanismo enquanto ciência e enquanto campo profissional. Por mais que suas origens remontem à década de 1910 com a formação da Sociedade Francesa de Urbanistas, em 1911, nos é evidente que as aparições e os usos do termo “Urbanismo” carregam em si diferentes significados em diferentes temporalidades, especialmente no século XIX.

As novas perspectivas de abordagem sobre a história da profissão do urbanista e do Urbanismo, como ciência, nos apontam para uma multicapilaridade desse domínio, que, em perspectiva histórica, evidencia o processo de constituição do Urbanismo como disciplina, seja a partir de trajetórias individuais, como as exploradas por Rodrigo de Faria, Josianne Cerasoli e Flaviana Lira na obra *Urbanistas e Urbanismos no Brasil* (2014), seja por meio da atuação de distintas esferas profissionais, como engenheiros, sanitaristas, médicos e arquitetos (Bertoni, 2006). Estas capilaridades profissionais, que vêm sendo trabalhadas, contudo, não se aproximaram, ainda, de áreas de atuação sobre o urbano que guardam, também, íntima relação com o Urbanismo. Em especial, a Agronomia, a Agrimensura, a Botânica e os demais saberes que se interrelacionam, como a agricultura e a horticultura.

Com o objetivo de contribuir para o debate da História do Urbanismo, esta comunicação, fruto de nossa pesquisa de doutorado em andamento, visa, através de reflexões iniciais realizadas, dar luz à contribuição da Agronomia e da Agrimensura, campos do conhecimento associados às ciências agrárias, como também componentes do Urbanismo.

Para tanto, nos basearemos em paradigmas indiciários que corroboram para esta argumentação. Carlo Ginzburg, em sua obra intitulada “*Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*” (1989) traz mais do que uma metodologia que se volta para rastros e sinais no tempo histórico que se volta do micro para a compreensão do macro, Ginzburg também evidencia a importância de detalhes negligenciados dentro da análise historiográfica. Portanto, para este trabalho, o paradigma indiciário é adotado como método de pesquisa como forma de evidenciar apagamentos do campo do Urbanismo em sua composição através de um olhar para as ciências agrárias, agrícolas e seu leque de aplicabilidade.

Em sua pesquisa de mestrado, Knabben (2025), como forma de identificar a participação destes campos do saber em projetos urbanos, adotou esse método para debruçar-se a participação de

PENSAR FORA DO EIXO

horticultores e botânicos franceses, detentores de conhecimentos relacionadas às ciências da natureza, ou o que irá chamar de “saberes sobre plantas”, em projetos de remodelações urbanas, parques urbanos e arborização urbana para a Europa e para a América do Sul como “sinais” de uma atuação para além de seu campo de expertise que se voltavam para o urbano, para o fazer-cidade e para a área do conhecimento que viria a ser o Paisagismo.

Assim, dotando-nos de indícios e rastros deixados por esses profissionais que atuam em campos do saber que, de primeiro momento, pouco se relacionam com o fazer-urbano, pretendemos, através de trajetórias profissionais evidenciadas em bibliografia, analisar suas atuações, sejam elas projetuais, em companhias prediais ou até mesmo em articulações políticas. Portanto, pretendemos, assim, elucidar a atuação desta área do conhecimento, especialmente agrimensores e agrônomos, no fazer urbano e em projetos paisagísticos, tensionando e inserindo-os em um debate que os coloque também como contribuintes para o campo do Urbanismo.

O ECLIPISAMENTO DO CAMPO: A AGRONOMIA COMO UM COMPONENTE DO URBANISMO

Antes de sua consolidação como campo, o que chamamos de “pré-urbanismo” ou “ações de fazer-cidade” florescem como uma resposta aos anseios de expansões e remodelações urbanas em núcleos que recebem o êxodo rural advindo dos processos de Revolução Industrial. Portanto, a constituição de um “fazer-cidade” se consolida técnica e cientificamente como uma resposta a um ímpeto dos poderes públicos: o de sanar e disciplinar vias e corpos em efervescência de ocupação.

Assim, como resultado desse movimento, atrela-se comumente o Urbanismo e seu desenvolvimento como campo às engenharias e à própria arquitetura. Porém, perde-se de perspectiva um fator importante em análises de que o fazer-cidade é, antes de tudo, uma competência que incide sobre o solo (que vai se tornando urbano), e essa competência está atrelada historicamente ao campo das ciências agrárias, associada à figura do agrimensor e do engenheiro agrônomo.

Recebendo diversos nomes em sua trajetória como campo do conhecimento — agronomia, engenharia agrônômica, engenharia agrícola, ciências agrônomas — e em fusão com a própria prática da agrimensura, a Agronomia¹ se mostra como um campo que se envolve tanto com o que

¹ Como forma de não nos perdemos nos diversos nomes que esse campo do conhecimento recebeu ao longo de sua trajetória, utilizaremos como termo guarda-chuva a “Agronomia”.

PENSAR FORA DO EIXO

Knabben (2025) vai chamar de saberes sobre plantas, em um conhecimento atrelado às práticas de horticultura, botânica e suas derivações, quanto com competências técnicas. Assim, a Agronomia, tal qual as engenharias, se mostra como um domínio em um movimento que classificamos como uma mecanização ou uma industrialização de práticas e técnicas voltadas para o campo agrário.

A Agronomia como campo de conhecimento, assim, se revela como uma disciplina que administra técnica e praticamente o campo da agricultura e da pecuária, mas é importante termos em perspectiva que seu regimento sobre solos se dá na confecção de projetos para construções rurais, de estradas, pontes e na mensuração de terrenos para seus diversos fins. Em outras palavras, a pluralidade do campo em suas aplicabilidades revela como um paradigma indiciário para sua participação dentro da composição do campo Urbanismo para além de uma atuação que se volta somente para o campo agrário, que tensiona ações no rural e no urbano.

Outro indício que nos apontam para o envolvimento do campo no fazer-cidade é o da própria participação de profissionais formados ou detentores de saberes da Agronomia em projetos urbanos e suas articulações no cenário político brasileiro. Dentre o leque de profissionais envolvidos em projetos urbanos, sejam eles de extensões urbanas, infraestrutura ou de propriamente de projetos de cidade, nos debruçaremos, a seguir, na trajetória de Joaquim Eugênio de Lima, Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda e José Ciampitti.

AS RAÍZES TÉCNICAS: PROFISSIONAIS DO CAMPO DA AGRONOMIA EM PROJETOS DE FAZER-CIDADE

O cruzamento entre saberes agrários — Agronomia e Agrimensura —, ou seja, com saberes aplicados e aplicáveis ao campo, com projetos urbanos, sejam eles de melhoramentos, extensões urbanas ou propriamente projetos de assentamentos urbanos ganha materialidade ao voltarmos nossos olhares para a atuação desses profissionais.

Ao voltamos nossa atenção para o caso específico de São Paulo, Regina Maria Prosperi Meyer em seu texto intitulado “O papel da rua na urbanização paulistana” (1993)² nos traz que o profissional agrimensor atua como responsável pela melhor distribuição de ruas, em um movimento que atendia

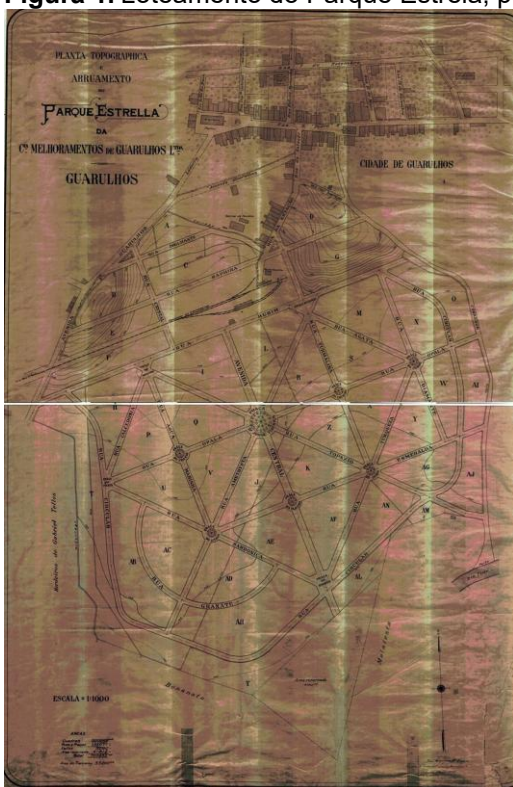
² Meyer, Regina Maria Prosperi. O papel da rua na urbanização paulistana. **Cadernos de História de São Paulo: a cidade e a rua**. São Paulo, Vol. 1, n° 2, p. 13-26, jan.-dez. 1993.

PENSAR FORA DO EIXO

aos interesses de loteadores e promotores urbanos, em especial àqueles atuantes na cidade no século XIX.

A exemplo, o caso de José Ciampitti (s.d. – s.d.) nos é elucidativo. Fernando Atique e Giorgia Burattini Saad Medeiros da Silva, no artigo intitulado “Guarulhos em Urbanização: o plano para o Parque Estrella e a cidade imaginada”³ (2020), trazem acerca da trajetória de Ciampitti: atuando como agrimensor pela Cia Melhoramentos de Guarulhos Ltda. e como funcionário da Secretaria da Agricultura de São Paulo em 1918 e 1920, foi responsável pelo desenho de projetos de bairros para a cidade de Guarulhos, como o Parque Estrella (1926), mostrado na figura 1, e da Vila Galvão (s.d.).

Figura 1. Loteamento do Parque Estrella, projeto de Jorge Ciampiti, 1926



Fonte: Atique, Silva, 2020.

Atique e Silva (2020) nos trazem um dado significativo sobre a atuação de Ciampiti em Guarulhos, que é a de que o Parque Estrella foi pensado para ser um bairro arborizado, vinculado, pelo menos, plasticamente, à forma Cidade-Jardim. Esse aspecto se mostra não somente pertinente, mas como

³ Atique, Fernando; Silva, Giorgia Burattini Saad Medeiros da. Guarulhos em Urbanização: o plano para o Parque Estrella e a cidade imaginada. **Oculum Ensaio**, [S.L.], v. 17, 15 mai. 2020.

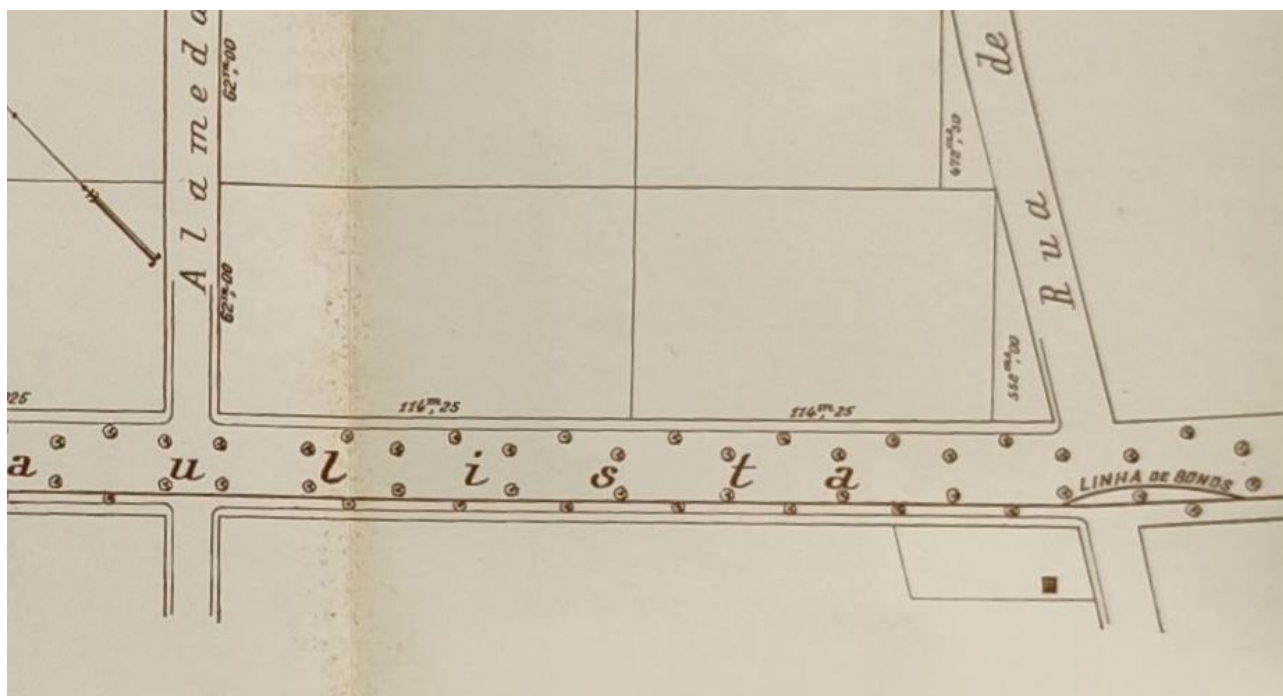
PENSAR FORA DO EIXO

uma estratégia comum nas atuações de agrimensores e agrônomos em projetos urbanos, no Brasil dos anos 1910-1930, como forma de gerar capital simbólico para dentro de sua proposta de promoção urbana.

Um caso sintomático deste movimento é o de Joaquim Eugênio de Lima (1845 – 1902). Uruguaio-brasileiro e engenheiro agrícola formado na Academia Agrícola de Bonn, na Alemanha, Lima realizou diversas ações de promoção urbana na cidade de São Paulo entre o final da década de 1860 e a primeira metade da década de 1900, no qual a que fez com que ganhasse mais notoriedade é seu empreendimento da Avenida Paulista, de 1891.

Para além da abertura de uma via que ligava o Largo do Paraíso à Rua da Consolação, seu projeto contou com um grande aterro na metade de seu percurso como forma de nivelar o terreno para a passagem da via principal e com uma setorização de seus usos em três espaços, voltados, cada um deles, para pedestres, carruagens e bondes elétricos. Essa setorização era marcada pela arborização da via realizada por Magnólias e Plátanos.

Figura 2. Pormenor do loteamento da Avenida Paulista. É possível observar a setorização da via através das árvores e a presença da linha de bondes



Fonte: Azevedo Filho, 1954.

PENSAR FORA DO EIXO

A Avenida Paulista e suas alamedas nasceram como um loteamento que carregava em si uma preocupação paisagística através da implementação do Parque Villon, com vistas para a cidade e com um simulacro de uma vida campestre com ares de modernidade através da presença de infraestrutura urbana, como água encanada e a presença de bondes. Tal tipo de produção urbana é categorizada por Knabben (2025) como “urbanismo paisagista”, atraindo uma elite comercial e industrial contempladora de seu “espetáculo da natureza” manipulado.

Partindo para uma escala mais ampla, os engenheiros agrônomos e agrimensores aparecem, como dito anteriormente, em projetos de assentamentos urbanos. A exemplo, temos os profissionais que trabalharam no início do século XX no Norte do Paraná, em que Renato Leão Rego tem contribuído nos últimos anos sobre a participação de Aníbal Bianchini, Vladimir Babkov, Alexandre Razgulaeff e Ludovic Surjus em projetos de cidades e de arborização urbana para a região⁴.

Voltando nossos olhares mais uma vez para São Paulo fontes diversas sobre a Companhia Urbana Predial, mostram a presença intensa dos campos da Agronomia e da Agrimensura, começando com seus proprietários. Rodolpho (aka Rodolfo) Nogueira da Rocha Miranda (1862-1941), um dos seus principais acionistas, foi um político com ascendência em latifundiários e apoiadores do Império, mas que acabou, embora também latifundiário, como muitos de sua geração, se inserindo no Partido Republicano Paulista e se transformando em voz contrária à Monarquia. Ele foi o primeiro ocupante da pasta republicana da Agricultura, Indústria e Comércio do Brasil, formada no governo do presidente Nilo Peçanha (1909-1910). Este Ministério, embora criado pelo decreto legislativo n. 1.606, de 29 de dezembro de 1906, teve início apenas em 1909, por Rocha Miranda, que trabalhou “pelo investimento em questões como o problema da mão de obra rural, do ensino agrônômico e a diversificação e modernização da produção agrícola”⁵. Esta articulação com o ensino agrônômico, e sua vinculação, também, com a colonização e abertura de loteamentos, por meio da agrimensura, é pouco explorada pela historiografia. Percebe-se, aqui, claramente, que iniciativas que o político foi tomando, confundem-se, como era típico na sociedade do período, com interesses particulares, dos quais, a Companhia Urbana Predial pode ser um grande veículo de apreensão, neste momento, ainda mais se observarmos a temporalidade: ele foi Ministro entre 1909 e 1910, e a Companhia Urbana Predial foi organizada por volta de 1911. Uma outra iniciativa de Rodolfo Miranda, vinculada à promoção urbana, conforme verbete do IBGE, diz respeito à formação da cidade paulista de

⁴ Ver: REGO, 2020; REGO, DESTEFANI, CRISTO, 2013; SAVI, GLASSI, REGO, PEREIRA, GORLA, 2012.

⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pompeia/historico>. Acesso em 11 jan 2025.

PENSAR FORA DO EIXO

Pompeia, na região da Noroeste Paulista. A localidade foi loteada por ele, em sociedade com seu filho, Luís Rodolfo Miranda, em 1928.

Assim, percebe-se que a Companhia Urbana Predial, no início da década de 1910, já possuía a intencionalidade de formação de um loteamento, na área conhecida, hoje, como Pompeia, que pudesse se beneficiar das atividades que transcorriam no Parque Antarctica, mas, sobretudo, tirar partido dos melhoramentos urbanos que eram feitos para o público que ali afluísse, como a linha de bondes, e a iluminação a gás. Esta dinâmica foi explorada pela Companhia Urbana Predial nos anúncios que veiculou nos primeiros anos de comercialização dos lotes, em veículos de imprensa variados:

A Villa Pompeia tem uma área de um milhão e trezentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de *bonds* do Parque Antarctica e se dirige para a Avenida Municipal, fechando o grande circuito de avenidas, do Largo do Rosário ao Largo S. Francisco: - Avenidas S. João, Água Branca, Pompeia, Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorização fatal; fica no âmago dos grandes melhoramentos da Capital (Revista Feminina, n.32, a.4, 1917, p.7).

O caso de Rodolfo Miranda, para além de seu envolvimento em projetos urbanos e a difusão da arborização de vias, nos evidencia um elemento político importante de termos em perspectiva: a participação de profissionais agrônomos em cadeiras ministeriais, especialmente no Ministério da Agricultura no âmbito federal, e Secretaria de Agricultura, Serviços e Obras Públicas no caso específico de São Paulo. Sidney Bernardini (2008) nos mostra que, na reorganização da pasta pelo governador Jorge Tibiriçá, houve a imposição do caráter planejador dos profissionais da Agronomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta comunicação, procuramos tensionar a formação do campo dando luz à participação da Agronomia e suas derivações e variações para a disciplina do Urbanismo como ciência e a sua participação na política brasileira como forma também de disputa no campo profissional. Para além dos exemplos citados anteriormente, há uma possível disputa pelo campo que merece ser investigada através dos Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia (CREA) e do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA), atualmente denominado Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA), com a saída da Arquitetura da nomenclatura⁶.

⁶ Por meio da Lei nº 12.378, de 31 de dezembro de 2010, a profissão de Arquiteto e Urbanista passou a ser regulada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), fazendo com que saísse da regulação do CONFEA.

PENSAR FORA DO EIXO

Essa disputa pelo campo profissional, como aponta Cerasoli (2018), Silva, Francisco, Jahnel (2010) Capdeville (2018) se mostra feita de maneira histórica em termos de qual classe ou profissão deveria reger sobre âmbitos e competências.

Há, portanto, a inserção da Agronomia nos conselhos federais e regionais de profissões que se debruçam sobre o espaço construído, o que, para nós, se deve ao fato da competência técnica da Agronomia reger sobre o os usos do solo, seja ele voltado para produções agrícolas, seja voltado, como propusemos tensionar nessa comunicação, para também produções urbanas.

Há outro fator presente em perspectiva abordado por Knabben (2025), Silva (2020) e por Frota Júnior e Wehmann (2014) que é a da participação histórica do engenheiro agrônomo em projetos de paisagismo, que é comumente associado como um campo formativo da profissão do arquiteto e urbanista. Essa participação também é evidenciada através do prêmio anual de projetos de paisagismo da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP), que é denominado como “Medalha Joaquim Eugênio de Lima”, em alusão ao engenheiro agrícola uruguaio-brasileiro anteriormente tratado.

Assim, acreditamos que a presença da Agronomia e do mundo agrário na composição da disciplina do Urbanismo merece maiores investigações acerca de suas contribuições técnicas e práticas para o campo.

REFERÊNCIAS

ATIQUE, Fernando. **Memória Moderna**: a trajetória do Edifício Esther. São Carlos: RiMa /FAPESP, 2004.

ATIQUE, Fernando; SILVA, Giorgia Burattini Saad Medeiros da. Guarulhos em Urbanização: o plano para o Parque Estrella e a cidade imaginada. **Oculum Ensaios**, [S.L.], v. 17, 15 mai. 2020.

AZEVEDO FILHO, Rocha. **Um pioneiro em São Paulo**: Joaquim Eugenio de Lima. São Paulo: São Paulo, 1954.

Bernardini, Sidney Piochi. **Construindo infra-estruturas, planejando territórios**: a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926). 2008. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BERTONI, Angelo. **Les architectes et la naissance de l’urbanisme de plan**: Pratiques locales, réseaux nationaux et transnationaux en France et en Europe francophone (1880-1920). 2006. 518 f. Tese (Doutorado) – École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2006.

PENSAR FORA DO EIXO

CERASOLI, Josianne Francia. Escola Politécnica de São Paulo: engenharias políticas no ensino superior paulista nos inícios republicanos. **Revista Brasileira de Inovação**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 201-220, 14 mar. 2018.

FARIA, Rodrigo de; CERASOLI, Josianne; LIRA, Flaviana (ed.). **Urbanistas e Urbanismo no Brasil: entre trajetórias e biografias**. São Paulo: Alameda, 2014

FROTA JÚNIOR, Itamar; Wehmann, Hulda. O ensino de Paisagismo como Experiência Interdisciplinar: a integração da arquitetura e agronomia no ensino de paisagismo no curso de arquitetura e urbanismo da Estácio - fic. In: 12º ENEPEA. **Anais ...**. Vitória: Ufes, 2014. p. 1-12.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KNABBEN, Lucas Martinez. **Joaquim Eugênio de Lima: entre conexões, territórios e a promoção urbana**. Dissertação (Mestrado) em História. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2025.

MEYER, Regina Maria Prosperi. O papel da rua na urbanização paulistana. **Cadernos de História de São Paulo: a cidade e a rua**. São Paulo, Vol. 1, nº 2, p. 13-26, jan.-dez. 1993.

REGO, Renato Leão. A conformação das cidades novas planejadas no Brasil do século vinte. **Paranoá: cadernos de arquitetura e urbanismo**, [S.L.], v. 1, n. 28, p. 1-19, 12 nov. 2020.

REGO, Renato Leão; DESTEFANI, Wilian da Silva; CRISTO, Joice Ellen de. Entre os pioneiros do urbanismo do Paraná. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 5, 12 jun. 2013.

SAVI, Olindo; GALASSI, Cristiane; REGO, Renato Leão; PEREIRA, Juarez José; GORLA, Grasielle Cristina dos Santos Lembi. ASPECTOS DO PLANEJAMENTO ORIGINAL DE MARINGÁ RECOMENDÁVEIS AO PROJETO DE CIDADES. **SIMPGEU - Simpósio de Pós Graduação em Engenharia Urbana**, Brasil, out. 2012. Disponível em: <http://www.eventos.uem.br/index.php/simpgeu/simpgeu/paper/view/879/765>.

SILVA, Paulo Roberto da; VALE, Francisco Xavier Ribeiro do; JAHNEL, Marcelo Cabral. Retrospecto e atualidade da engenharia agrônômica. In: Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA) (org.). **Trajetoária e estado da arte na formação em engenharia, arquitetura e agronomia**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2010. p. 19-45

SILVA, Tania Knapp da. Pelas veredas da história do paisagismo. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO. **Anais [...]**. Brasília: Unb, 2020. p. 1-12.